

VIVENDO COMO UMA LÉSBICA: AS VIOLÊNCIAS QUE SÃO SILENCIOSAS

LIVING AS A LESBIAN: THE VIOLANCES THAT ARE SILENT

Kleire Anny Pires de Souza*

Ao escrever este título, muitas coisas me vieram a cabeça. Lembranças até boas e outras nem tanto. Escolhi nomear “Vivendo como uma lésbica”, justamente para fazer alusão a um livro que para mim retrata muito bem a condição da lésbica na sociedade, o exemplar da autora Cheryl Clarke que se intitula “Vivendo como uma lésbica” é um compilado de diversos escritos da autora, sobre sua realidade enquanto lésbica dentro de uma sociedade patriarcal. Diferente de Clarke, eu estreitei este relato para minhas vivências enquanto pesquisadora e acadêmica do curso de História de uma universidade pública.

Apesar da pouca idade, o lesbo-ódio já se fez presente em minha vida, até mesmo na infância, enquanto ainda não estava preparada para pensar em sexualidade, afinal era só uma criança curiosa que gostava de inventar história, andar de skate e vestir roupas de super-heróis, mas a sociedade patriarcal não deixa mulheres impunes, não importa sua idade, nosso sexo biológico é marca de nossa opressão, decretada quando nascemos. Isso bem me lembra uma de minhas autoras favoritas, Simone de Beauvoir, grande existencialista que acreditava que não se nascia mulher se tornava uma, não que a mulheridade fosse uma escolha, mas sim um alvo que nos era impresso ao depararmos com o patriarcado e sua violência coercitiva.

Ser lésbica é um ato político, ouvi essa frase diversas vezes ainda muito jovem antes mesmo de pensar para além da heterossexualidade, isso sempre me atingia como uma máxima, como poderia uma sexualidade ser política? Mesmo depois de me entender como uma lésbica, essa frase ainda não me fazia sentido, criada a luz de um cristianismo ortodoxo, me entender lésbica não foi orgulho, nem manifestação política alguma, foi sofrimento, medo, desamparo, a religião do homem que andava com as prostitutas e pegadores não teve a mesma compaixão que o cristo.

Vivi por muitos anos um segredo que me autoflagelava, enquanto ouvia os fiéis falarem do amor, tanto que por muito tempo o amor para minha não existia, minha jovem cabeça não conseguia compreender como o amor poderia existir enquanto minhas duas

*Mestranda no Programa de Pós Graduação em História, pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Bolsista do Fomento Capes.

faces eram punidas. Foi aí que percebi que esse amor não me servia, e o outro amor que tanto temia é que era o mais singelo e acolher de todos.

O ato político dessa frase que tanto se popularizou no meio lésbico, passou a fazer sentido me acertando como uma flecha, direto no meu alvo estampado. Ainda na infância, apesar de não saber nomear aquele desconforto que sentia quando alguém tentava podar minha curiosidade me jogando a afirmação “isso é coisa de menina”, num sentido que me tirava o direito de ser criança, me divertir, e ter curiosidade sobre o mundo ao meu redor. Aquele desconforto, por muito tempo não havia nome, mas o sentimento sempre era o mesmo, sempre que tentavam invalidar minha infância apenas pelo meu comportamento curioso me taxando pejorativamente de “sapatão!”. É curioso pensar que nunca soube de fato o que era uma sapatão até completar 16 anos e a internet chegar no interior do estado onde eu morava. Eu ouvia aquele ‘palavrão’, e não entendi a que se referia aquilo, mas que aparentemente era algo ruim, porque sempre me gritavam como uma maneira de me ofender.

Nunca fui muito adepta dos laços, babados, maquiagem, ou qualquer coisa que a feminilidade tentasse se fazer atrativa, eu era curiosa, queria desvendar o espaço e não arrumar um namorado, mas isso não tem nada a ver com minha sexualidade, e isso é o ponto que acho interessante destacar, minha trajetória é essa, mas isso não me torna uma lésbica exemplar, ou descaracteriza outras lésbicas. Apenas é um traço infeliz de uma criança que sofreu violência antes mesmo de despertar sexualmente, por conta das imposições de gênero e como o gênero é uma ferramenta de opressão do patriarcado, um braço fortemente armado que tenta corromper nossos desejos e sonhos.

Minha trajetória até a pesquisa sobre memória lésbica na universidade pública, não começou quando escrevi meu primeiro artigo, muito menos no momento que fiz meu primeiro evento, ou beijei a primeira garota. Minha trajetória começou na violência da infância, e essa trajetória se tornou mais forte depois que me entendi como uma lésbica, eu prefiro usar entender-se, porque afinal se a lesbianidade é um ato político, todo ato é uma ação, é uma escolha de seguir-se em um direção, e afirmar-se, entender-se me soa muito melhor do que “assumir”, essa ideia me parece muito de responder um crime, assumir uma culpa, ou qualquer coisa que demonstre que somos erradas diante a sociedade heterossexualmente compulsória.

A pesquisa na Universidade pública é o fazer ciência diretamente, é um dos movimentos políticos de mais importância a meu ver, a pesquisa gera frutos para construção de políticas pública, gera memória, gera força, conhecimento, letramento, educação, a pesquisa é o motor de um país, não necessariamente rumo ao futuro, mas pelo menos ao reconhecimento de si próprio e das necessidades de seus cidadãos. Essa trajetória de viver a universidade pública como uma lésbica é o motivo deste relato. Me apropriei do título da obra da autora Cheryl Clarke, justamente pela potência de seu trabalho, e pela sua

abordagem de que somos nós as precursoras do amanhã, da mesma forma que nossas ancestrais lésbicas nos proporcionaram coisas que sem elas isso não seria possível “Deixe sinais de luta. Deixe sinais de triunfo. Deixe sinais” (p. 140), este é meu relato, este e meu sinal, minha memória viva diante a insistência do apagamento proposto pela violência do esquecimento.

Ser lésbica por vezes é solitário, não que não haja milhares de lésbicas por aí, mas depende de onde você nasça a geografia te desfavorece, eu cresci lésbica no interior. Onde lésbica nem existe, e sapatão é palavrão é difícil passar por um processo de autoconhecimento não punitivo, primeiro vem a igreja, apesar de nunca ter ouvi que me lembra nenhuma menção a homossexualidade, naquele sentido de “se não falarmos não irá existir”, eu sempre soube que era pecado, não de fato ser lésbica, afinal essa palavra para mim não existiu no vocabulário durante diversos anos, o que era pecado mesmo era ter relações sexuais antes do casamento, e também um homem se deitar com outro homem, até não hora de sofrer o fanatismo religioso a gente é apagada.

Depois, do pecado religioso eu descobri afinal o que era sapatão, aquele palavrão que me chamavam alguns maldosos na infância, sapatão para mim era uma mulher que não se rendia a feminilidade, e depois um pouco mais velha, descobri que também era uma mulher que amava outras mulheres. Apesar de os descobrimentos amoroso virem na adolescência, eu tive essa descoberta muito tardiamente, até porque logo que os namoricos da adolescência começaram eu percebi que os garotos não me interessavam tanto assim, até interessavam, porém quando eles me convidam para jogar futebol, ou falar de videogames, para além disso sequer existia o pensamento em minha cabeça.

A trajetória de se entender como uma lésbica, tem muito a ver com a universidade pública aqui, apesar desse desenrolar longo que tento fazer mostrando toda uma história complicada, a universidade pública é que foi o caminho para conviver e aceitar o diferente. Até hoje, me lembro o estranhamento que tive, quando em uma aula de uma pós-graduação que frequentei como aluna especial, um professor argentino disse que a escola não era um local de aprender.

No momento que meus ouvidos capturaram aquelas palavras, não pude evitar uma cara de estranhamento, afinal a vida toda aprendemos que vamos a escola para; aprender. Porém, naquele mesmo dia ele explicou sua máxima; a maior importância da escola é criar cidadãos, cidadãos que convivem entre si e veem as diferenças e conviver com elas. Misturo tanta coisa, como uma memória confusa de quem se tenta lembrar, porque não é um tema que relatamos com um simples dizer ‘foi assim’, toda identidade é forjada, construída, e é ainda mais complexa quando se atrela ao entendimento político dela.

A partir daquele pensamento consegui perceber a importância de uma universidade para além do que sabemos. A Universidade pública, deveria ser um direito de todos e para

todos, o público é direito de todo e qualquer cidadão quando bem lembramos do modelo grego que se baseia nossa democracia, entrar na universidade pública e ver tantas diferenças e conviver com elas, me fez também olhar para mim mesma, e para todas as mentiras que fui obrigada a acreditar sobre quem eu era, ou quem me forjaram para ser conviver com o diferente te faz perceber que ser diferente não é algo ruim, e sim algo poderoso e genuíno. Eu fiquei tão maravilhada com aquelas vivências tão diferentes de que minha realidade interiorana me poderia propor, havia tanto amor naquele espaço que me levou a uma busca política de alto conhecimento sobre mim mesma.

Os anos em que cursei história foram importantes para me formar como cidadã, mas também para me formar enquanto uma agente política ativa consciente de si. Foi a partir disso, que quis pesquisar sobre isso e entender as origens disso, a pesquisa histórica me possibilitou as ferramentas, os métodos e as teorias para embasar teoricamente essa busca, entretanto, nem tudo há de ser flores nessa vida, da mesma forma que na infância eu sofri discriminação sem saber nomeá-la, agora mesmo que eu soubesse nomeá-la isso não deixaria de me atingir, mas agora eu poderia nomear, apontar, e finalmente poder deixar esse sinal no qual escrevo agora.

Esse sinal, passa a se tornar um farol, um grande farol que ilumina o caminho escuro das que virão depois de mim, mostrando que apesar de as vezes sermos uma única voz naquele espaço físico, nossa voz é forte e difícil de ser calada. Não serão os assédios, nem os “esses temas não é tão relevante”, vindo dos ‘colegas’, nem qualquer outra dificuldade que irá nos tirar a coragem de existir e amar, amar exclusivamente outra mulher, e lutar contra uma sociedade forjada no falo.

Essa rejeição ao falo é muito mais do que amar mulheres apenas, é também resistir as dominações da sociedade patriarcal. Mulheres lesbianas, não desistam de construir sua própria trajetória, e honrar sua ancestralidade... a mais poderosa de todas, que você compartilha com todas as vozes de outras lésbicas, sapatonas, e fanchas que furaram as barreiras e deixaram seus vestígios e histórias possibilitando que possamos também lá estar. Nenhum homem conseguirá nos deter.

Recebido em 09/01/2022

Aceito em 12/01/2022